Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VII•nº270•Uberaba/MG•de 25 de novembro a 1º de dezembro de 2003

Doação voluntária

Ato de amor ou sacrilégio?

Transplante de órgãos ainda causa polêmicas religiosas

págs. 6 e 7

issuu-downloader.com

Editorial

Dê uma nova chance à vida

O Ministério da Saúde, lançou no último dia 18, uma campanha de incentivo a doação de orgãos. A conscientização da sociedade vai ajudar na redução das filas de espera. Algumas barreiras culturais ainda complicam e polemizam a questão da doação. Ainda há pessoas que por algum motivo se recusam a ser doadores.

Por causa disso,, a escassez de doadores ainda é trágica. O objetivo da campanha é pelo menos deixar claro a gravidade do problema para a sociedade.

O *Revelação*, defende a doação de orgãos como instrumento de preservação da vida e que solidariedade deve ser expressa em ações .

Algumas barreiras culturais ainda complicam e polemizam a questão da doação

"Nenhum de nós pode considerar-se livre da possibilidade de precisar de um órgão transplantado, o destino aponta para qualquer um". João Ubaldo, escritor.

Uniube promove fórum de Educação à Distância

Universidade discutirá as diretrizes nacionais, as tecnologias da informação e a democratização do ensino

Da redação

O Programa de Educação a Distância (EAD) da Universidade de Uberaba promoverá o "1º Fórum EAD em Discussão", em comemoração ao Dia Nacional da Educação a Distância. O fórum será realizado nesta quinta-feira, dia 27 de novembro, às 19h30, no anfiteatro D56, no Campus Aeroporto.

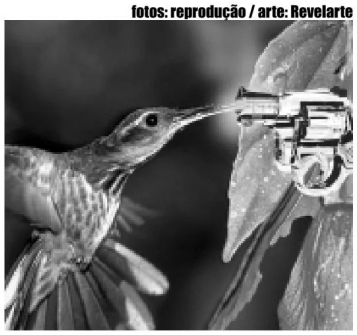
No evento serão discutidas as diretrizes nacionais para educação a distância, as tecnologias da informação e da comunicação e o processo de democratização do ensino.

Crônica

Em busca da paz

Gilberto Lacerda
6ª período de Jornalismo

fotos: reprodução / arte: Revelarte



Naquele terreno árido, tinha de tudo. Pit bull, mula, papagaio, beija-flor e rato. Vamos começar com a história do ratinho. Ratinho era o menor da turma. Pequeno, magro e narigudo. Não teve jeito, o biótipo contribuiu para o apelido. Tinha um sonho esquisito para sua idade: almejava, num futuro não muito distante, ocupar o cargo máximo da ONU. Todos debochavam dele. Ratinho adorava soltar pipa da laje da sua casa. Parou de brincar, depois que o Mula o repreendeu. Mula era um garoto de 15 anos, que vivia se envolvendo em situações estranhas. Sempre que uma bomba explodia, dilacerando gerações de semelhantes diferentes, Mula estava por perto. A pipa era o código de alerta daquele local que mais parecia uma panela de pressão, prestes a explodir. Levantar uma pipa era um aviso para o pessoal do Mula. Significava que os pit bulls estavam invadindo a terra santa.

No ponto mais alto da cidade, ficava o ninho do papagaio. Todos gostavam de ouvir o papagaio: era o radialista predileto do morro. No meio da cidade, uma casa minúscula, incrustrada na terra, parecendo uma toca, era o ponto de encontro de dezenas de beija-flores. Um monte de ferro retorcido era sustentado por divisórias de madeira compensada, recortadas de furos por onde brotavam flores de todas as cores e odores. De dentro da toca dos beija-flores, saiu o próprio, o senhor beija-flor. Com movimentos lentos e cadenciados, surgia o velho de 87 anos, ostentando grande barba herdada dos profetas da sua religião. Na cabeça, um pano estranho e enrolado abrigava a sua calvice. Nos pés, chinelas. Cobrindo o corpo, um grande manto que em algum momento da sua existência havia sido branco. Armado do seu regador, ele inicia sua rotina de mais de 50 anos: regar as flores e brincar com seus colegas alados.

Levantar uma pipa era um aviso para o pessoal do Mula. Significava que os *pit bulls* estavam invadindo a terra santa

Uma pipa amarela mudou o destino da fauna da cidade. Enquanto ela subia em busca do limite máximo da linha, silêncio e olhares atônitos seguiam o seu movimento picotado pela ação do vento. Por um instante, ouvia-se apenas a sinfonia do bater das asas dos beija-flores. O som dissonante do latido dos pit bulls estremeceu toda a cidade. Da boca desses animais, saíam gotículas de chumbo que zuniam e ricocheteavam pelas pequenas ruas. O papagaio aconselhou a todos que trancassem as portas e janelas. Enquanto os cães ferozes subiam o morro em busca das presas, Ratinho fugiu em busca de abrigo. Viu uma padaria aberta e correu ao encontro de uma bala perdida. Seus últimos pensamentos não eram elouquentes… como o sonho de ser secretário-geral da ONU. Fechou os olhos pela última vez, lembrando da mãe.

O velho beija-flor não entrou na toca: tentou proteger o pequeno filhote encurtando a sua vida de pássaro. Só teve tempo de ouvir o estampido e ver o pequeno beija-flor caindo do ninho. Em seguida, ausência de qualquer imagem. Saciada a sede de sangue, ódio e revanchismo, os cães deixaram a cidade. Depois de décadas lutando, Mula abidicou dos atentados e abraçou a mais nobre de todas as causas. Hoje, enfrenta o dia mais importante da sua vida. Deixando todo o rancor e ódio de lado, carregado por gerações dizimadas por atentados de homens-bombas, balas, canhões e sangue de inocentes, Yasser Afarat vai negociar o primeiro cessar-fogo da sua vida. Ambos os lados anseiam por algo que durante anos deixaram de lado: paz.

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Tatiane Oliveira Alves (mac-l@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Construção da Paz

Por um planeta mais fraterno

Parque Fernando Costa abriga projeto que divulgou ações para um mundo melhor. Evento contou com participação de diversas escolas da cidade

Gilberto Lacerda
6 período - Jornalismo

Neuza das Graças

Coral Municipal Alegreto abriu as atividades cantando o Hino nacional no Parque Fernando Costa

Equanto você lê esse primeiro parágrafo tente encontrar um ponto em comum entre dezenas de carros. Buzinaço. A imagem de Nossa Senhora, o Parque de exposições que abriga a maior feira de gado zebu do mundo e centenas de pessoas reunidas em um único local. Aparentemente não tem nada haver né? Mas tem! Acompanhe a narrativa: Os carros lentamente entram pelos portões do Parque de Exposições Fernando Costa. O buzinaço faz as vezes de trombetas, anunciado que a Imagem de Nossa Senhora pede passagem para chegar até o palanque de eventos da ABCZ (Associação Brasileira de Criadores de Gado Zebu). Crianças, jovens e adultos de todas as cores, cleros e idades, mobilizadas em torno de um único objetivo: paz.

O evento em questão aconteceu no dia 20 de novembro. Esse é o terceiro ano consecutivo do projeto "Construção da Paz", promovida pelo Museu do Zebu em parceria com diversas entidades educacionais e ONGs. Iniciado com a chegada da imagem da Mãe de Cristo, na sequência 250 vozes do coral municipal Alegreto, em conjunto com a banda do quarto Batalhão da polícia militar, entoaram o hino nacional.

Ao som dos primeiros acordes não houve exaltação, apenas respeito ao hino da pátria. Mas ao ecoar as vozes infantis do coral, a emoção tomou conta do público presente. Uma idosa, acompanhada de seus três filhos, levantou-se com certa dificuldade da sua cadeira, amparada pelos filhos. De pé, com o corpo encurvado devido ao peso da idade, ela colocou a mão no peito e sussurou a letra do hino, passando a ser mais uma integrante do coral.

Um dos mais sensibilizados com a apresentação do Coral Alegreto, que entoou várias músicas tendo a paz como tema, era o presidente do conselho curador da Fundação Museu do Zebu, Marcio Cruvinel Borges. Para ele o evento é um chamado para a paz. "A união de entidades e pessoas tão diferentes é a prova material que podemos conviver em harmonia, buscando a paz dentro e fora de nós", teoriza.

"O trânsito mata muito no Brasil. Precisamos conscientizar as pessoas que cada um de nós é responsável pela manutenção da paz"

Os pavilhões que em épocas de exposição servem de abrigo para as raças zebuínas, abrigaram estandes temáticos, todos com assuntos relacionados a paz.

Estandes

Num dessas estandes o presidente do Consetran Carlos Finholdt, abordou os visitantes que passavam pelos pavilhões falando sobre a importância da paz no trânsito. "O trânsito mata muito no Brasil. Precisamos conscientizar as pessoas que cada um de nós é responsável pela manutenção da paz", comenta.

No estande dedicado ao meio ambiente, o ecologista da ONG SOS rio Uberaba, Olavo Garcia Cora, explicou que o progresso precisa harmonizar-se com o meio ambiente para que a natureza tenha um pouco de paz. Ele contou que entre a bacia dos córregos Lajeado e Água Santa os esgotos domésticos de bairros como Boa Vista, Morado do Sol entre outros, estão matando os mananciais.

Antagonismo

Equanto na cidade de São Paulo um ciclista pedala ao encontro de um carro, em Uberaba membros de uma ONG, tecem a construção da paz no trânsito, distribuindo apostilas educativas, ministrando mini-palestras ao ar livre, contribuindo para mudanças de conceitos, evitando que vidas sejam ceifadas na guerra silenciosa das ruas.

Enquanto homens bomba explodem sonhos no Oriente Médio, em Uberaba jovens deficientes auditivos cantam músicas silenciosas através da linguagem dos sinais

Enquanto as bocas dos esgotos vomitam lixo doméstico na lagoa Rodrigues de Freitas no Rio de Janeiro, em Uberaba o grupo ambientalista SOS Rio Uberaba, denuncia a degradação do rio que dá nome a cidade, e a morte dos mananciais que abraçam o cerrado. O objetivo: promover a harmonia entre o homem, o filho pródigo que ainda não retornou ao seio da mãe natureza.

Enquanto um homem bomba explode sonhos no cruzamento de uma esquina do Oriente Médio, em Uberaba jovens deficientes auditivos, proporcionam o momento mais emocionante da "Construção da Paz". Cantam musicas silenciosas através da linguagem dos sinais. A platéia emudecida, é cúmplice na decodificação dos sons retirados do movimento de mãos soltas no ar, tocando instrumentos imaginários, tocando a alma com o silêncio, compondo a várias mãos a música da paz.

issuu-downloader.com

Cidade

O baú da memória

Documentos e fotos do Arquivo público guardam a história de Uberaba

Melina Afonso
6° período de Jornalismo

Quem passa pela rua Senador Pena no centro de Uberba não imagina que uma antiga casa guarda nos seu interior uma grande parte da história da cidade. È o arquivo público, um orgão da Prefeitura Municipal que armazena documentos, registros e imagens suficientes para oferecer aos visitantes uma viagem pelo tempo.

O acervo fotográfico do local tem mais de 30 mil imagens, entre fotografias, slides e negativos, que registram a evolução histórica da cidade. Lá a praça Rui Barbosa e a igreja Santa Rita pode ser vista desde os anos 20. Muitas dessas fotografias foram reunidas através de doações. Para não sucumbirem ao tempo, o processo de acondicionamento é minucioso e é com zelo e cuidado que elas vem sendo armazenadas.

João Eurípedes de Araújo o coordenador de arquivos especiais do Arquivo Público, explica que para as fotos se manterem conservadas, elas precisam ser guardadas em envolepes especiais, vindos do Arquivo Nacional , no Rio de Janeiro e manuseadas com cuidado.

Documentos e atas dos poderes legislativo e executivo também são arquivados. O público pode consultar, mas o manuseio deve ser cuidadoso, afinal existem documentos de dois séculos atrás.

Para quem pesquisa a história política da cidade, Nelci Nogueira de Freitas, responsável pelo departamento de Atas, recomenda essa sala como ponto de referência.

História é o que não falta nesse casarão. As notícias que foram quentes um dia, hoje repousam frias nos arquivos dos jornais como o Correio Católico. A sala é fonte para pesquisadores e historiadores que querem recontar a história através da imprensa de Uberaba.

Pedro Coutinho, professor de história e pesquisador, lembra da importância de se resgatar esses documentos que registram a história da cidade. O professor conta que assim como as pessoas de antigamente se preocuparam em arquivar momentos e imagens importantes, nós devemos continuar esse trabalho de preservação da memória uberabense.

O acervo fotográfico do local tem mais de 30 mil imagens, entre fotografias, slides e negativos, que registram a evolução histórica da cidade

Lá, o passado da cidade está mais vivo do que nunca. Personalidades, retratos de uma Uberaba do século XIX eternizam um período que compõe a história da cidade.

A diretora executiva do Arquivo Público, diz que tem muito do que se orgulhar desse trabalho, para ela, o arquivo é um lugar rico em informações e importante para que essa geração, conheça os camimhos trilhados por seus antepassados.

Em meio a tantos registros, fica fácil descobrir dentro de cada sala daquele velho casarão os caminhos que nos trouxeram aos dias de hoje.

Arquivo Público

A história de Uberaba recriada no Arquivo Público, explica os caminhos percorridos para chegarmos aos dias de hoje

Arquivo Público

No Arquivo Público, a história pode ser recontruída através de imagens

issuu-downloader.com

Artigo

Um continente esquecido

Carência de estudos históricos desperdiça riqueza fabulosa da América Latina

Gustavo Vitor Pena
3º ano de História

"O homem superior resolve caminhar só e começa a chover. Ele se suja e o povo conspira contra ele. De quem é a culpa neste caso?"[1]
O I Ching

Academicamente falando, a América Latina poderia – e deveria – ser o fértil manancial das produções científicas de nossa hodierna historiografia. Pois é, poderia. Com tanto a se descobrir e com muito a se pesquisar, a produção historiográfica latino-americana padece de um estado de letargia que, tal a sua insistência e longevidade, parece ser *ad infinitum*. Por quê?

Imaginem que a América Latina seja um gigantesco espelho. Sabemos que um espelho reflete a imagem que lhe é posta na sua frente. O problema, então, de não enxergarmos produções históricas na nossa frente, seria devido a um defeito de fabricação do espelho? Acreditamos que não. O problema jamais foi com o espelho em si, mas sim com os olhos de quem nele se mira. Vamos tentar ser mais específicos: de todas as áreas de nosso conhecimento cientifico, a História certamente é a mais humana de todas, pois ela mexe profundamente com os valores mais agregados a nossa condição humana. Ela lida com a paixão, ela lida com orgulhos, ela lida com nacionalismos, ela lida com âmagos, lida com as maiores aspirações humanas: a de ser reconhecido como parte importante e integrante da história, seja ela a de seu bairro ou a de seu mundo.

reprodução

Mapa antigo retratando a América latina (data desconhecida)

Certamente temos aí um dos problemas. O latino-americano, por causa de contingências históricas, costuma geralmente trata a si próprio com um sentimento de auto-comiseração. O latino-americano tem vergonha de encarar a si mesmo no espelho, de se ver em toda a sua plenitude histórica e, principalmente, humana. Inibição essa advinda de séculos de imposição econômica e cultural européia. Por isso, é mais do que natural essa nossa tendência de olhar-nos no espelho e não enxergarmos toda a nossa pujança, de não enxergarmos toda a riqueza da cornucópia que temos em mãos. História é emoção, história é orgulho e (acima de tudo), história é raiz. Com vergonha de nossas raízes, é mais do que razoável afirmar que não iremos muito longe em nossa história...

Um segundo ponto que poderíamos abordar é sobre a imersão necessária ao ofício do historiador. Não se faz história isoladamente, em um gabinete, de modo que o processo de produção histórica deve ser, como todas as demais atividades humanas, compartilhado com todos, com todos os povos, em todas as regiões do planeta. Criar um mundo sem fronteiras é, mais do que nunca, uma missão do historiador.

A cornucópia sempre esteve ao alcance de nossas mãos. Então, de quem é a culpa de nosso atraso em usufruir suas riquezas? Nossa? Do espelho? Dos europeus? Da refração da luz, que nos deixaria ver uma imagem deformada? Como defende Febvre, a História deve ser deve ser inquietante, atual, investigativa e, acima de tudo, ser capaz de despertar o que há de mais humano em todos nós: a curiosidade sobre nós mesmos.

[1] Extraído de **Superman** número 21, Editora Abril, março 2002. Página 114.

issuu-downloader.com

Sociedade

Doar ou não doar?

Transplante orgãos é uma questão polêmica e delicada que continua levantando discussões

Adriana de Carvalho
Camila Montandon
Eder Guimarães
Graziela Christina de Oliveira
Guilherme Marinho
Maikel Paroneto
1° ano de Jornalismo

fotos: reprodução

Doação de córneas pode ajudar outras pessoas a voltar a enxergar

No dia 18 deste mês o Ministério da Saúde lançou uma campanha para conscientizar a sociedade da importância da doação de órgãos. O ministro da saúde, Humberto Costa diz que a meta é reduzir a fila de transplantes além de orientar as pessoas interessadas em fazer doação. Além de propagandas, a campanha vai distribuir 800 mil cartazes para unidades de saúde e 2 milhões de folhetos com informações básicas.

É uma decisão difícil, mas muito importante, por se tratar de um gesto de solidariedade.

Os transplantes são divididos em dois grupos: os de órgãos e os de tecidos. Rim, fígado, pulmões, pâncreas, córnea devem ser transplantados em até seis horas depois da morte do doador. Antigamente se faziam transplantes de ossos, tendões e ligamentos.

Os transplantes de órgãos (rim, fígado, pulmões, pâncreas, córnea, coração, ossos e tubo digestivo) requerem cirurgias mais complexas, pois são necessárias ligações vasculares entre outras. Já os transplantes de tecidos (medula óssea, feito em vida), células endócrinas) são mais simples: as células são injetadas, por exemplo, na corrente sanguínea, onde elas se implantadas e se reproduzem.

A rejeição é um grande problema a ser resolvido. Para se evitar que ela aconteça, são necessários testes de compatibilidade tanto do doador como do receptor.

Em vida, a pessoa pode doar um rim, parte do fígado, parte do pulmão e de Ilhotas de Languers (parte do intestino, para curar diabetes). A fila de espera é maior para receber um rim.

Em 1998, o então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou uma lei que obrigava as pessoas a colocarem na carteira de identidade se eram ou não doadoras de órgãos e tecidos. Na época, essa lei foi considerada uma arbitrariedade, principalmente pela classe médica, que não admitia essa imposição feita pelo governo.

Em vida, a pessoa pode doar um rim, parte do fígado, parte do pulmão e parte do intestino

A lei foi revogada e desde então não é preciso deixar nada por escrito a respeito. Se você quiser ser um doador, basta manifestar seu desejo à família que, então, tomará a decisão final.

Aqui em Uberaba, o único hospital com capacidade para realizar os transplantes e tratar dos pacientes, é o Hospital Escola. Que atende as exigências legais, morais e éticas que dizem respeito aos transplantes. No início do ano, foi feita a primeira captação de coração em Uberaba. No ano passado, foram feitos oito transplantes de múltiplos órgãos. Esse ano, apenas um, o estoque de material esta baixo.

O hospital recebe cerca de 40 mil reais, por mês, para realizar os transplantes. Dr. Ilídio Antunes de Oliveira Júnior, chefe do Serviço de Transplante e Coordenador da Comissão Intra- hospitalar de Doação, Captação e Transplante de Órgãos e Tecidos, disse que a comissão de Uberaba recebeu elogios como a única que está trabalhando corretamente. "Isso nos envaideceu muito. A semente cresceu e deu fruto", disse o médico.

O número de transplantes, no Brasil, tem aumentado muito nos últimos anos quando também houve qualificação das equipes. O Sistema Nacional de Transplante, supervisiona as cirurgias e a captação de órgãos trabalhando junto com as seis coordenadorias do estado de Minas (Montes Claros, Poços de Caldas, Uberlândia, Governador Valadares, Juís de Fora e a Regional Metropolitana). "Todo hospital, que queira realizar transplantes, precisa, obrigatoriamente, ter equipes para captação de órgãos e tecidos, explicou o médico. É um trabalho árduo que funciona durante 24 horas.

Ainda é grande a dificuldade em fazer os transplantes pela falta de conscientização

A captação de órgão é gratuita e para ser realizada, são feitos alguns testes, como o de tipo sanguíneo e fator RH. Os pacientes são acompanhados por um psicólogo, assistente social e uma enfermeira. O índice de rejeição é baixo, a sobrevida é de 80% em dois anos. E com uma única doação, 25 pessoas podem ser beneficiadas.

Segundo o médico, 90% dos transplantes são feitos pelo SUS, mas existem hospitais privados que podem cobrar.

O trabalho com transplantes despertou no médico a vontade de ajudar. Ele é doador "consciente, tranquilo e convicto", como ele mesmo se caracteriza.

O transplante é uma alternativa que cura, mas ainda é grande a dificuldade em fazer os transplantes pela falta de conscientização da

issuu-downloader.com

população. Aspectos religiosos e culturais restringem os doadores.

Hoje, cerca de 50000 brasileiros estão na fila para o transplante, 5000 só em Minas Gerais, onde 400 pessoas estão cadastradas para doarem medula óssea.

A secretária do serviço de transplante e da comissão intra-hospitalar de doação e captação de transplantes de órgãos e tecidos, Paula Cançado, diz que o trabalho é diferente e que se aprende muito com ele. "No momento de dor, a família tem que decidir por doar os órgãos de um ente querido, é um momento singular, único e difícil."

Transplantes salvam milhares de vidas anualmente

O transplante salvando vidas

Mesmo esbarrando na falta de consciência de muita gente, ainda é possível encontrar solidariedade em certas famílias. Foi o que aconteceu com o engenheiro e agropecuarista Virgílio José Lemos Abreu. Há mais de 11 anos, ele recebeu um coração. Ele conta que dois meses antes de realizar o transplante, ele havia feito uma outra cirurgia, cardiomioplastia, que tentou resolver o problema de aumento do volume do coração. Na época, esta técnica estava sendo adotada pelo Instituto do Coração (InCor) que é ligado ao Hospital das Clínicas de São Paulo. O caso dele era muito complicado: o coração estava com nervos, havia ligação de fios de platina ao microcomputador. "A primeira cirurgia demorou umas três horas e eu quase faleci na mesa de operação porque o sangue não coagulava mais. Foi uma luta! Mas graças a equipe do InCor, eu consegui partir ainda do mesmo ato cirúrgico para o transplante", disse Virgílio.

Virgílio soube momentos antes da operação que haviam encontrado um doador . Sua saúde estava muito debilitada. Ele lembra que quando recebeu a notícia do transplante estava com pequena lucidez na Terapia Intensiva, ainda sim o marcou intensamente". O engenheiro ficou cerca de 20 dias se tratando, entre a vida e a morte, mas conseguiu se recuper: "Aquilo para mim pareceu um sonho", completa.

Virgílio teve muita vontade de conhecer a família do doador para agradecer o gesto de generosidade e solidariedade que tiveram. Mas os médicos acharam melhor isso não acontecer. Ele só soube que era um moço de 21 anos. "Acharam que ia abrir uma ferida nos pais que já estava começando a cicatrizar e que eu ia me emocionar demais, estava muito fraco. Mas o principal motivo era não aumentar a dor da família. Eu ainda indaguei ao médico o que eu poderia fazer por aquela família e ele me disse para rezar por ela."

A ciência e a técnica foram, sem dúvida, importantes para amparar Virgílio. Mas sua fé e a solidariedade dos amigos foram muito importantes, fazendo assim com que ele e sua família se voltassem a atividades filantrópicas.

Após a cirurgia, os cuidados foram muito maiores para evitar que qualquer doença oportunista ligada à área de infecções, baixasse a resistência do organismo de Virgílio. Ele toma medicamento a cada 12 horas para evitar rejeição do coração e faz avaliações em São Paulo de seis em seis meses para fazer exames de rotina.

Virgílio é taxativo quando a questão é ser doador. "Nós não somos eternos e se tivermos o espírito de solidariedade estaremos dispostos a doar os órgãos em atitude de solidariedade. Solidariedade é gostar de alguém, é pretender que ele viva mais, com boas condições de vida. Agora, olhando por um lado mais radical, se você não está disposto a ser doador, então não permita que nem você, nem que outra pessoa da sua família se necessitar, receba um órgão, deixe que ele faleça, sem doação.

"Nós não somos eternos e se tivermos o espírito de solidariedade estaremos dispostos a doar os órgãos em atitude de solidariedade"

Ele é a favor de uma lei que facilite a doação de órgãos, mas sem que seja obrigatório: "Eu sou favorável, e já tive oportunidade até de manter contato com senadores da República com relação a esse assunto."

As religiões e os transplantes

A questão da doação de órgãos é vista de maneira diferente pelas várias religiões. A sociedade internacional para consciência de Chrishna não se opõe a doação de órgãos, a crença é de que a função essencial do ser humano é prestar serviço.

Para o, professor de projeto de arquitetura e desenho da Universidade de Uberaba, Symphorien Barthelemy Oudiane, a doação deve ocorrer sempre dentro de uma ética: "Hoje fala-se muito em bioética, desde que venha a preservar a vida e não agredir os princípios básicos da preservação da vida, isso é correto.

Ele acha que as pessoas têm uma idéia muito limitada e unilateral de Deus., que para ele, é uma energia que circula , que está presente no coração de cada um de nós e na mão de quem faz um ato de transplante.

O médium espírita Celso xxxxxx, acredita que a doação de órgãos não é para qualquer pessoa porque é um ato de extrema renúncia e amor. Doar apenas porque você vai morrer e não vai precisar mais daquilo pode trazer sérias consequências ao perispírito, que é o que eles chamam de corpo espiritual. " É preciso que a pessoa tenha consciência das consequências das suas ações. Se ela não estiver preparada para doar, tanto o receptor quanto o doador vão sofrer, pois o espírito depois de desencarnado pode sentir a dor física se não conseguir se libertar do cordão fluídico. E para se libertar, é necessário ter bondade e caridade em torno de tudo", disse o espírita.

"Se Deus considerasse pecado a doação de órgãos, ou seja, se estivesse nas Escrituras Sagradas que essa atitude desagradaria a Deus, certamente eu não faria"

"A doação, em vida, de um rim, por exemplo, é um ato real de amor porque o doador passa por uma cirurgia, vai se sacrificar, renunciar, sabe as consequências que isso vai acarretar na sua vida", completa Celso.

A Igreja Católica manifestou a sua posição sobre a doação e o transplante dos órgãos. O arcebispo de Uberaba, D. Aluísio Roque cita um texto: "O transplante de órgãos não é moralmente aceitável, se o doador ou seus representantes legais não consentirem.

E para o arcebispo, essa questão ética traz, de imediato, a necessidade do consentimento formado. "A autenticidade humana de gesto tão decisivo requer que os indivíduos estejam adequadamente informados sobre os processos envolvidos, para que possam exprimir seu consentimento ou negar de um modo livre e consciente. O consentimento de familiares tem sua própria valiade ética na sua ausência de uma decisão por parte do doador. Naturalmente que um consentimento análogo deve ser fornecido pelos receptores de órgãos doados."

Os transplantes são um grande avanço da ciência a serviço do homem e não são poucas aquelas pessoas que hoje devem suas vidas a um doador de órgãos. A técnica de transplantes tem se firmado progressivamente como um instrumento válido para atingir o principal objetivo de toda a Medicina: servir à vida humana, desde que seja realizada de um modo eticamente correto.

A voluntária Karina Katarina de Camargo, que é evangélica da Igreja Presbiteriana há sete meses, diz que sua religião é a favor da doação de órgãos. "Estamos ajudando outras pessoas e praticando o bem. Segundo a palavra de Deus: `O Senhor me recompensou conforme a minha justiça, conforme a pureza das minhas mãos diante dos seus olhos`", conta.

Mas ela disse que se sua religião não permitisse a doação, não a faria: "Se Deus considerasse pecado a doação de órgãos, ou seja, se estivesse nas Escrituras Sagradas que essa atitude desagradaria a Deus, certamente eu não faria."

Karina ainda ressalta a importância da doação de órgãos através da Bíblia que diz: "Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?"

"Então, assim como o versículo fala da doação de bens materiais, por que não poderia ser também órgãos do corpo humano? Deus não nos diz para doarmos a vida aos irmãos? Todos somos filhos de Deus, logo, somos irmãos", completa a voluntária.

issuu-downloader.com

Equoterapia

A prática de superar limites

Portadores de necessidades especiais encontram um nova chance sobre o lombo do cavalo

Erika Machado
6º periodo de Jornalismo

Eles são especiais, precisam de cuidados e ajuda para se desenvolverem e garantirem uma melhor qualidade de vida. Os portadores de necessidades especiais fazem parte de 14,5% da população, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Apesar das dificuldades eles não desistem da superação, o apoio da família e de profissionais especializados resultam em grandes conquistas para crianças e adultos que buscam ultrapassar as barreiras da deficiência.

As oportunidades são poucas, mas de grande valor, escolas especializadas, esportes adaptados, trabalhos voluntários. Entre eles o da Equoterapia.

Já em 377 A.C. Hipócrates conceituava a equitação como meio de regeneração à saúde

Sobre o lombo dos cavalos pessoas portadoras de necessidades especiais descobrem novos estímulos e desenvolvem potencialidades. O método terapêutico chegou em Uberaba em 1998, e hoje atende a 56 praticantes.

Dilson José Meireles, presidente da Associação Mineira de Equoterapia explica que a entidade é filantrópica e que o projeto desenvolvido é uma forma de inclusão social.

Os benefícios da interação entre o homem e o cavalo é algo antigo. Já em 377 A.C. Hipócrates conceituava a equitação como meio de regeneração à saúde. Desde 1901, quando o Hospital Ortopédico de Oswentry (Inglaterra) aplicou a equoterapia no contexto científico, a técnica foi aperfeiçoada e divulgada.

No Brasil, é reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina, mas isso só aconteceu 100 anos depois que países europeus e norte americanos já utilizavam o tratamento.

Atualmente, depois de muitos estudos e comprovações, é muito mais do que uma moderna técnica baseada na aplicação de conhecimentos técnico-científicos no campo da terapia. É uma rica experiência, realizada em contato com a natureza e o animal. É um momento repleto de oportunidades, prazer e realizações.

Equoterapia contribui de forma prazerosa para a aplicação de exercícios de coordenação motora, agilidade, flexibilidade, ritmo, concentração e lateralidade

Carolina Borges Cornélio, sabe o que é isso, acompanhada pela instrutora ela monta no cavalo e já sabe aonde quer ir: “ Hoje eu

A s sessões de equoterapia, contam com o apoio de instrutores voluntários

issuu-downloader.com

quero só um voltinha!"

Por causa da deficiência física Carolina depende da cadeira de rodas, mas se supera quando sobe no cavalo. Acompanhada pelo pai, João Luiz Borges Cornélio, ela participa da terapia há um ano e meio.

Dilson explica que uma sessão de trinta minutos é suficiente para despertar 4600 estímulos, o que permite que os praticantes se desenvolvam mais rápido. Segundo ele, o método é oito vezes mais eficiente do que os tratamentos convencionais.

Produção de adrenalina aumenta as taxas cardíacas, respiratórias, e auxilia no funcionamento do aparelho digestivo

Sobre o lombo dos animais, fazem alongamento, desenvolvem noções de espaço e equilíbrio. Através do exercício eqüestre, o praticante de equoterapia é levado a acompanhar os movimentos do cavalo. A fim de conservar o equilíbrio, movimenta sincronicamente tronco, braços, ombro, cabeça e o restante do corpo.

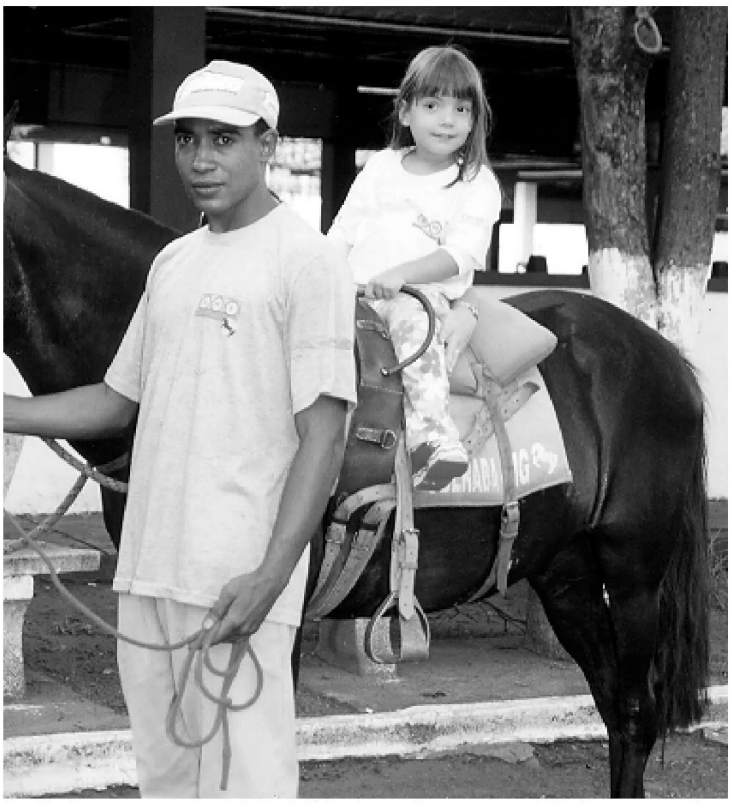
Pessoas que ficaram com seqüelas por causa de um acidente ou alguma doença, também podem ter grandes melhoras com a terapia

Tais respostas melhoram o corpo de forma geral, estimulando não apenas o funcionamento de músculos mas também a circulação sangüínea. Ocorre ainda o aumento da produção de adrenalina, que por sua vez aumenta as taxas cardíacas e respiratórias, auxiliando no funcionamento do aparelho digestivo.

Assim, a equoterapia contribui de forma prazerosa para a aplicação de exercícios de coordenação motora, agilidade, flexibilidade, ritmo, concentração e lateralidade. Ate bebês podem participar do tratamento.

E não só portadores de deficiências congênitas, pessoas que ficaram com seqüelas por causa de um acidente ou alguma doença, também podem ter grandes melhoras com a terapia.

Mas como um trabalho filantrópico, a equoterapia, em Uberaba, passa por algumas dificuldades, a falta de voluntários e de animais limita os horários e o número de aulas. Hoje eles contam com 6 cavalos e realizam as sessões só pela manhã. A intenção é que no próximo anos as aulas se estendam também no período da tarde. Se esse trabalho é importante e muitas vezes fundamental para essas pessoas, o que se espera é que as ajudas não demorem a aparecer, mesmo que isto custe um tempinho dos voluntários e nada para a entidade.



Carolina Borges, superando a deficiencia física, desenvolve novas potencialidade na equoterapia

issuu-downloader.com

Crônica

Nada melhor do que ser idiota

reprodução

Maria Fernanda G. Bento
7º Período- Jornalismo

Recentemente, li um interessante artigo de Ailin Aleixo sobre o modo que encaramos a vida. O colunista tem razão, "Idiotice é vital para a felicidade". Muita gente acaba sendo chata por querer ser profunda o tempo todo. Deixe a sobriedade para as horas inevitáveis como mortes de entes queridos, separações dolorosas e problemas de saúde. No dia-a-dia, seja 'meio idiota'. Ria dos próprios erros, tire sarro de suas inabilidades, saiba que todos nós temos defeitos e qualidades. Ignore aquele chefe incapaz de fazer elogios. Coitado, ele tem que carregar aquela cara feia todos os dias.

A falta de amor, de dinheiro, de sexo ou de sintonia é muitas vezes apontada para justificar o fim de milhares de casamentos. Mas, a ausência desse lado infantil também tem a sua culpa. Quem disse que é bom dividir a vida com alguém que tem conselho para tudo mas que não tem uma boa gargalhada? Que sabe resolver uma crise familiar mas que não tem a menor idéia de como preencher as horas livres do final de semana? Sim, porque é comum encontrar personalidades que têm soluções sensatas, objetivos claramente definidos, são os melhores da classe. Em controvérsia, não são inteligentes no modo de levar a vida e desaprenderam a brincar.

Pensando bem, ninguém deve ser feliz com seriedade 24h por dia. Muitas vezes, a vida já é dura e as circunstâncias nos enchem de tristeza. Também não estou afirmando que é para brincar e deletar o trabalho. O esforço, o comprometimento e a responsabilidade são importantes para conquistar grandes desafios. Ser bem sucedido profissionalmente, educar os filhos e pagar as contas é necessário, difícil e gratificante. Porém, não se esqueça da amizade e do bom humor. Sorria quando tropeçar e esqueça um pouco sobre o que te falaram sobre ser adulto. Tudo aquilo sobre não brincar com a comida, não falar besteira, não ser imaturo, não de descontrolar, não demonstrar o que sente. Para que tantos nãos? Manuel Bandeira, que foi um grande homem e um grande poeta disse certa vez: "E por que essa condenação da piada, como se a vida fosse só feita de momentos graves ou só nesses houvesse teor poético?" Ele tinha razão. Dá para ser adulto e idiota ao mesmo tempo.

Ria dos próprios erros, tire sarro de suas inabilidades, saiba que todos nós temos defeitos e qualidades

Adultos podem e devem contar piadas, ir ao fliperama, conversas horas com a melhor amiga no telefone, beliscar a bunda da esposa, andar pelado pela casa de madrugada, assaltar a geladeira, soltar pipa, tomar um porre de vez em quando, roubar no baralho, aumentar o volume do som quando tocar sua música predileta. Sair da adolescência ou entrar na terceira idade não é perder os prazeres da vida. Teste essa teoria que estou tentando explicar para vocês. Tente sentir as coisas como elas realmente são – passageiras. A briga, a dor e a raiva vão passar. Então para que tanta gravidade? Já parou, pensou, chorou, descabelou, pediu arrego e fez tudo que podia para resolver o problema? Ótimo, agora chegou a hora da idiotice. Leia revistas fúteis, assista novela e escolha o seu galã, coma bastante ou beba uma skol gelada. Também vale experimentar a nova skin.

Outra boa idéia é conversar com a pessoa amada imitando seu personagem favorito dos desenhos animados

Outra boa idéia é conversar com a pessoa amada imitando seu personagem favorito dos desenhos animados. Você acha que a sua metade vai gostar menos de você por isso? Ela não vai, tenha certeza. É delicioso estarmos com quem sorri e ri de si mesmo. Eu fico chateada por muitas vezes não ser tão idiota quanto eu gostaria. Sou intensa demais. Acho que as minhas alegrias e tristezas são as maiores do mundo. Comemoro como ninguém, mas também sofro como se a minha dificuldade fosse insuperável. Nas horas em que o mundo fica preto, não preciso de lágrimas pesadas ou de cara fechada de preocupação. Preciso sim de uma grande e impagável bobeira. Como olhar fixamente para o espelho até notar como fico feia de olhos vermelhos e nariz escorrendo. Na verdade, todos nós ficamos ridículos quando esquecemos que tudo passa. Só ficam as boas lembranças e a felicidade para quem sabe viver.

issuu-downloader.com

O dia em que a engrenagem parou

Gilberto Lacerda
6º período de Jornalismo

Na padaria

- Alguém sabe o que aconteceu?

- Sei lá. Lá em casa não chegou.

- Eu acho que o garoto dormiu demais, ou resolveu brincar de bola. Deve ser por isso que não chegou na casa de ninguém.

- Moleque. Eu sempre deixava um pão com ovo pra ele aqui na padaria. Só por causa da pontualidade. Isso é bom pra eu aprender. A gente dá uma de bonzinho e acaba sendo apunhalado pelas costas.

No escritório de advocacia

- *Data venia* companheiros, precisamos tomar alguma providência com relação a esse atraso. É uma afronta. Depois da honestidade, pontualidade é a maior virtude de um homem. Estou até pensando em abrir um processo por desrespeito, desacato, falso testemunho, quebra de contrato, e qualquer outra coisa que conseguir pensar a caminho do fórum.

-Apoiado. Gritaram todos dentro do escritório.

No gabinete do prefeito

- O que houve?

- Não sabemos, prefeito.

- Qual a sua função?

- Ora, sou seu assessor, prefeito.

- Pra que você serve?

- Pra resolver os problemas prefeito.

- Meu problema é que não chegou.

- Eu sei, prefeito

- ENTÃO RESOLVE ISSO, ARROBADO! Gritou o prefeito.

No local do problema, dois técnicos conversam.

- Parece que foi coisa séria.

- Sei não. Acho que dá para consertar.

- Acho melhor trocar as peças. Todo mundo na cidade está reclamando da demora. Do prefeito ao padeiro.

- Então você liga pro proprietário e dá a notícia.

- Por que eu?

– Você sabe muito bem que essas peças não têm mais conserto.
– Quem tá dizendo isso é você.

- Porque eu prefiro consertar. A idéia de trocar foi sua.

- Você sabe muito bem que essas peças não têm mais conserto.

- Quem tá dizendo isso é você.

Diante do impasse, o telefone toca e um dos técnicos atende.

- Alô. Doutor Teobaldo? Sim, já estamos resolvendo o problema. Parece que vamos ter que trocar as peças. Acho que dessa vez não tem conserto não, pelo visto pifou de vez. Pode trocar? Sim senhor, a gente manda encomendar mais quatro. Outro por senhor.

- Ele estava bravo?

- Não. Parece até que já estava esperando.

- Deixou trocar?

- Deixou.

Os dois técnicos começaram então a retirar os quatro jornalistas de dentro da redação do velho jornal. Os corpos do quarteto estavam rígidos como estátuas de mármore. O editor travou com um copo enorme de café na mão. As grandes doses de cafeína eram a única forma de se manter acordado para enfrentar tantas horas de trabalho estressante. Os dois repórteres estavam em frente ao computador. A parte mais rígida dos dois eram os dedos. Os técnicos tiveram que serra-los. Inexplicavelmente estavam grudados nas teclas do computador. A revisora estava com os olhos estalados. A musculatura do rosto toda contraída, como se tivesse levado um grande susto. Nas suas mãos, foi encontrado o olerite daquele mês.

Enquanto carregavam as "peças" estragadas para fora da redação, os técnicos comentaram.

- Dessa vez acho melhor encomendar peças novas. Liga para a faculdade de comunicação social e pede alguns estagiários.

- Acho que vai ser melhor mesmo. Após dez anos de uso, esses jornalistas estão todos travando.

Depois de instaladas as novas máquinas de produzir notícias, o jornal voltou a circular normalmente na pequena cidade.

reprodução

issuu-downloader.com

Educação

Universidade discute criação de curso de Moda

Encontro de profissionais na Uniube discute formação superior e tendências de mercado

fotos: Neuza das Graças

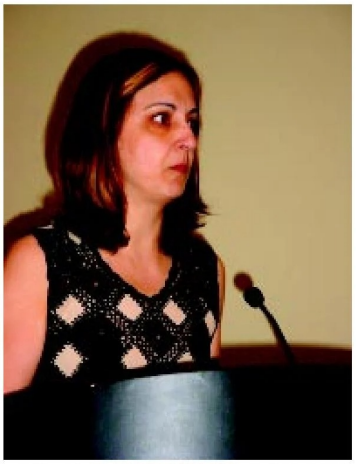
Luis Felipe Silva
4º período de Jornalismo

Uberaba e o Triângulo Mineiro já possuem certa tradição em negócios relativos à moda. Entretanto, devido o fraco desenvolvimento das redes de produção, confecção e vendas, a região ainda não se destacou neste segmento. Para a diretora do curso de Arquitetura da Universidade de Uberaba (Uniube), Carmem Maluf, a situação poder mudar com a eventual criação de um curso superior voltado a esta área.

Para iniciar os debates com empresários do setor e apresentar o projeto da criação do curso para a comunidade em geral, a Uniube promoveu, na manhã de 24 de fevereiro, o *1º Encontro de Negócios Para a Moda*. "Queremos, antes de tudo, o aval da região" esclarece Carmem. Para falar sobre o assunto foram convidados a arquiteta Ângela de Souza Diniz – envolvida com produção de moda desde a infância, por intermédio da mãe que possui uma confecção; além de Orlando Cabreira, especialista nesta áera, e Rita Andrade, coordenadora do curso de Moda da Faculdade Anhembi Morumbi, de São Paulo.

Ângela Diniz observou que formação superior reduz "trilha de erros" da carreira profissional

A Uniube pretende oferecer um curso elaborado de acordo com o modelos das faculdades mais avançadas do país



Para diretora do curso de Arquitetura da Uniube, Carmen Maluf, Uberaba pode se tornar pólo da moda

Entre os principais temas abordados, os debatedores destacaram a importância da especialização dos profissionais. Ângela Diniz e Orlando Cabreira admitiram que, por não não terem formação específica na área, tiveram de aprender tudo "na raça", como eles mesmo disseram. "Tive que lutar muito. Aprendi com meus erros, que não foram poucos, e demorei muito para desenvolver meu próprio estilo. Mas acabei me apaixonando" confessou Ângela. Os dois explicaram que essa "trilha de erros" pode ser reduzida com a formação superior. "A nova geração não pode se dar ao luxo de errar, neste mundo globalizado e com uma competição extremamente acirrada".

Para Cabreira, a formação específica ajuda ainda a resolver um dos maiores problemas dos estilistas nacionais: a falta de personalidade. Segundo o especialista, a moda no Brasil se desenvolveu copiando as tendências internacionais. "Mas naquela época fazíamos releituras. Hoje o que se vê é pirataria", acusou. Para ele, isso demonstra falta de ética entre concorrentes. Cabreira observou que é fundamental desenvolver uma visão inovadora. "Hoje as pessoas procuram criar seu próprio estilo, existe espaço para todas as tendências" esclarece.

Rita Andrade, a única com formação específica na área, falou sobre o histórico da educação de moda no Brasil. Surpreendendo quem acreditava que os estudos dessa área são recentes, Rita revelou que a tradição já existe há mais de 100 anos. "Não podemos deixar de levar em consideração o aprendizado em ateliês, ou mesmo os cursos de economia doméstica, que fazem parte deste processo evolutivo".

Para Rita, níveis avançados destes estudos já começam a aparecer no território nacional. Empresários do setor já começam a pensar, por exemplo, no *design* como ferramenta de negócios. "A formação superior não abrange só o processo de criação, mas todos as áreas onde a moda atua, inclusive a gestão. Um administrador pode ter dificuldades para administrar uma empresa ligada à moda, pois ela possui inúmeras particularidades que só podem ser compreendidas por alguém do ramo".

Rita Andrade é coordenadora do curso de Moda da Faculdade Anhembi Morumbi

"A nova geração não pode se dar ao luxo de errar, neste mundo globalizado e com competição extremamente acirrada"

O curso

A Uniube pretende oferecer um curso elaborado de acordo com o modelos das faculdades mais avançadas do país. O curso se enquadraria na estrutura de formação acadêmica de curta duração, visando a profissionalização do aluno. Também seriam oferecidos cursos de extensão em diversas áreas específicas aos estudos de moda. Somados, eles ofereceriam um contorno global do assunto.

Para o especialista Orlando Cabreira , hoje existe espaço para todas as tendências

Assim, o aluno escolheria primeiro a área que mais o interessa e, depois de um curso com uma visão mais geral, seguiria uma área determinada. "Como a duração do curso seria de aproximadamente três anos, e o dos cursos de extensão de 360 horas, os alunos poderão escolher mais de uma área de atuação" explica Carmem.

Mercado para absorver os profissionais que se formarão no novo curso é o que não faltará – garante a diretora, lembrando que a prefeitura cedeu um território de 50 mil metros quadrados para construção de um pólo industrial do setor. "A situação é extremamente favorável. Uberaba tem tudo para se tornar um grande pólo da moda no Brasil."

issuu-downloader.com